



**NOTAS PARA UM CONCEITO DE “REPRODUÇÃO AMPLIADA DA VIDA”: O QUE
ELA NÃO É, PARECE SER E PODE VIR A SER**

Lia Tiriba¹
Sandra Butshkau²
Thayná de Oliveira Coelho³

INTRODUÇÃO

Fundamentado no materialismo histórico dialético e de cunho teórico-metodológico, o texto tem como objetivo indicar parâmetros econômicos e culturais que contribuam para nos acerrar de um conceito de reprodução ampliada da vida que considere a totalidade social das formas históricas em que, mediado pelo trabalho, um grupo social e mesmo uma comunidade inteira insistem em conservar e afirmar modos de vida distintos da lógica do capital⁴. A referência empírica são o que, genericamente, denominamos “espaços/tempos do trabalho de produzir a vida associativamente”, ou seja, lugares em que historicamente homens e mulheres (jovens, adultos, crianças e idosos) caminham na contramão do modo capitalista de produção da existência humana. Estes pequenos/grandes espaços podem ser “espaços/tempos das culturas milenares dos povos e comunidades tradicionais” (TIRIBA, FISCHER, 2015), situadas na Ásia, África, nas Américas, como México, Peru, Bolívia, Equador e Brasil, que perduram ao longo da história da humanidade. Podem ser “espaços/tempos revolucionários” (TIRIBA, 2009) ou mesmo, “espaços/tempos da atual crise do capital e do trabalho assalariado” (TIRIBA, 2001) nos quais busca-se construir uma nova cultura do trabalho. No contexto da

1 Doutora em Ciências Políticas e Sociologia (Programa Sociologia Econômica e do Trabalho) pela Universidade Complutense de Madrid. Realizou estudos de Pós-Doutoramento na Universidade de Lisboa. Atuou como professora efetiva da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, entre 1990-2011. Atualmente é professora no Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal Fluminense. (UFF). Endereço eletrônico: liatiriba@gmail.com

2 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista de Iniciação Científica (Faperj) (UFF), Brasil. Endereço eletrônico: sandrabutshkau@id.uff.br

3 Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista de Iniciação Científica (Pibic/UFF) (UFF), Brasil. Endereço eletrônico: thayna_oliveira@id.uff.br

4 Trata-se do projeto de pesquisa “Reprodução ampliada da vida: dimensões educativas, econômicas e culturais do trabalho de produzir a vida associativamente”, coordenada por Lia Tiriba (UFF), como a participação de Sandra Butshkau (I.C. Faperj) e Thayná Coelho (CNPq/UFF).



acumulação flexível do capital (HARVEY, 1992), além de fábricas ocupadas e recuperadas pelos trabalhadores/as, destacamos as comunidades rurais em que a agricultura familiar e outras atividades de trabalho estão centradas na reprodução das unidades domésticas e da própria comunidade. E também as experiências de classe vividas no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e nos Assentamentos Rurais da Reforma Agrária, nos quais, em contraposição à ‘revolução verde’ estimula-se a agroecologia e uma cultura camponesa fundada no trabalho coletivo e em laços de solidariedade (NOVAES, MAZIN; SANTOS, 2015).

Em síntese, nossa referência empírica são espaços comunitários que manifestam elementos da produção não capitalista, com diversos estilos de associatividade no trabalho e no território. Embora entrelaçados por mediações de segunda ordem do capital (MESZAROS, 2006), nestes espaços/tempos permanecem presentes alguns elementos materiais e simbólicos do trabalho associado que, no sentido marxiano refere-se à unidade básica da sociedade dos produtores livremente associados, ou seja, a um modo de produção da existência fundado na propriedade e controle coletivo dos meios de produção e na distribuição igualitária dos frutos do trabalho (MARX, 1998). Todo cuidado é pouco para não aprisionar a realidade em um determinado conceito; ou, em nome de um conceito elástico (THOMPSON, 1981), correr o risco de chamar de trabalho associado toda e qualquer iniciativa de trabalhadores/as que resolvem-se associar para criar uma organização econômica. Ao mesmo tempo, não é possível acreditar que a cultura do trabalho associado só é possível com a derrocada final do capitalismo e a constituição de uma sociedade comunista (TONET, 2014, por exemplo).

PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Como lembra Ciavatta (2001, p. 133), “a questão das mediações traz à discussão duas categorias importantes da sociabilidade humana, a liberdade e a necessidade, assim como os fins e os meios da reprodução do ser social”. Assim, contrapondo-nos à perspectiva de qualidade de vida fundada nos paradigmas de reprodução ampliada do capital, e em busca de elementos teórico-práticos que nos permitam inferir sobre as bases materiais e simbólicas dos processos de reprodução ampliada da vida, perguntamo-nos: Quais os parâmetros econômicos e culturais para nos referir à qualidade de vida? E em relação a trabalho, saúde, moradia e educação e outras formas de satisfazer as necessidades



humanas? O que dizem crianças, jovens e adultos sobre a vida em comunidade? Como se sentem? O que desejam para si e a coletividade? Tendo em conta o desmonte do Estado do Bem-Estar e a crescente precarização da vida, do que necessitam para ser felizes? Por meio da pesquisa participante e inspirados na Teoria do Desenvolvimento Humano de Max-Neef (1998), queremos construir parâmetros de reprodução ampliada da vida a partir dos próprios sujeitos, ou seja, pescadores artesanais, quilombolas e assentados da reforma agrária. Necessária se faz a reflexão sobre necessidades humanas e qualidade de vida, que apresentamos a seguir.

RESULTADOS PARCIAIS: PARA UM CONCEITO DE REPRODUÇÃO AMPLIADA DA VIDA

Diversas têm sido as metodologias para avaliar a qualidade de vida e o grau de desenvolvimento de uma sociedade, tendo como referência, de uma maneira geral o desenvolvimento econômico dos países centrais do capitalismo. Criado pelo estatístico italiano Conrado Gini, em 1912, o Coeficiente de Gini tem sido utilizado para medir os níveis de desigualdade social existentes em determinadas regiões e países, tendo em conta os índices de concentração e de distribuição de renda entre *as pessoas* (o grifo é nosso). Sua medida é de 0 a 1, de maneira que 0 (zero) corresponde à completa igualdade e 1 (um) corresponde à extrema desigualdade. No entanto, numa sociedade de classes, como seria possível existir completa igualdade (0 – zero), recebendo a população *inteira* a mesma renda? Não seria este o grande paradigma de uma sociedade dos produtores livres associados, quer dizer de uma formação social calcada no bem comum? Refutando a lógica dos extremos, se de um lado não é possível imaginar que a completa desigualdade pode chegar a um ponto tal, que apenas *uma* pessoa recebe todo o rendimento e os demais nada recebem (1- um), de outro não é possível esconder que 1% das famílias do mundo são donas de quase metade (46%) da riqueza do mundo⁵.

Princípios, indícios e evidências de reprodução ampliada da vida se circunscrevem na contramão da reprodução ampliada do capital. Sendo assim, seria pertinente ter como referência os Sistemas de Indicadores Sociais construídos para medir o bem-estar social ou o mal-estar das populações dos países que, na perspectiva do capital, são considerados desenvolvidos, subdesenvolvidos e em vias de desenvolvimento? Também vale o questionário IDH (Índice de Desenvolvimento Humano); ICB (Índice de Capacidades Básicas) e o IFB

5 Sobre o Relatório Oxfam, do ano de 2014, ver http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/01/140120_riqueza_relatorio_oxfam_fn



(Índice de Felicidade Bruta), sinalizando que os indicadores sociais só têm validade se sintonizados e compreendidos como parte integrante do projeto societário que se quer reafirmar ou transformar. Não é nosso propósito nos aprofundar nas particularidades dos sistemas de indicadores, mas lembrar sua existência e revisitá-los nos ajuda a perceber que, por mais criativos que possam ser, contribuem para aferir *A riqueza das nações* (SMITH, 1985) em relação a outras nações (menos “desenvolvidas”). Salvo exceções são metodologias que contribuem para medir a correlação de forças econômicas para, inclusive se analisar a possibilidade de interferência e ingerência nos assuntos alheios, ou seja, nos negócios dos países de outro ou de um mesmo bloco econômico. Ao longo do capitalismo e, em especial, no regime de acumulação flexível, o que está em jogo é a disputa capitalista, ou melhor, inter-capitalista, provocando e acirando contradições entre capital e trabalho fundadas na exploração sobremaneira do trabalho alheio e na apropriação dos bens comuns como florestas, mares e rios.

Como contraponto, é importante revisitar a literatura marxista sobre necessidades humanas e suas formas de satisfazê-las (HELLER, 1986; destacando o indicador Linha de Dignidade (COSTA, 2000) e as potencialidades da Teoria do Desenvolvimento Humano, de Max-Neef (1998) como inspiradora de uma metodologia para aferir parâmetros de reprodução ampliada da vida. O postulado básico desta teoria, refere-se às pessoas e não aos objetos; os pilares que o sustentam são a satisfação das necessidades humanas fundamentais, o que pressupõe a autodependência e a articulação orgânica dos seres humanos com a natureza⁶. Em busca de um novo tipo de desenvolvimento, temos que diferenciar “necessidades” de seus “satisfatores”. Combinando categorias existenciais e axiológicas, a classificação inclui «por uma parte as necessidades de Ser, Ter, Fazer e Estar e, pela outra, as necessidades de Subsistência, Proteção, Afeto, Entendimento, Participação, Ócio, Criação, Identidade e Liberdade” (ibid:37). A moradia, a alimentação e o vestuário não devem ser compreendidos como necessidades, mas como satisfatores da necessidade fundamental de ‘Permanência’. A educação e a pesquisa são satisfatores da necessidade do ‘Entendimento’; os sistemas de saúde são satisfatores da necessidade de ‘Proteção’, etc.

Nosso estudo permite concluir que criar parâmetros de reprodução ampliada da vida (e não do capital) requer apreender a materialidade histórica de processos de produção da existência humana que vão além da reprodução simples da vida e não se restringem a tornar o ser humano um cidadão-produtivo-consumidor. Sabemos que um conceito não pode ser construído como negação de sua antítese; de qualquer maneira,

6 Sobre perspectiva de desenvolvimento calcado nos direitos dos seres humanos e de outros elementos da natureza, ver Acosta (2013).



toda e qualquer negação anuncia a possibilidade do seu contrário. Mesmo não existindo um conceito preciso de reprodução ampliada da vida, é possível indicar alguns princípios ético-políticos que o anunciam. Seja como for, é preciso elaborar um conceito elástico (THOMPSON, 1981), ou seja, um conceito que, ao contrário de uma concepção estruturalista de explicação do mundo, não pretende aprisionar a realidade humano-social em um modelo rígido, pré-estabelecido, desconsiderando as determinações e mediações históricas, cuja evidência deve ser interrogada. Entendemos que, como produto das condições históricas, as categorias representam abstrações que carregam consigo algo que é e, ao mesmo tempo, algo que pode vir a ser. Neste sentido, não existe “o conceito” ou “um conceito”, mas opções por diferentes maneiras de interpretar e construir a realidade. A nossa, é a perspectiva do materialismo histórico dialético que, ao mesmo em que denuncia o modo de produção capitalista, anuncia a construção de outra sociedade, considerando a luta de classe como manifestação das contradições entre capital e trabalho, e experiência humana como mediação entre estrutura e sujeito. Sem dúvida, os espaços/tempos do trabalho de produzir a vida associativamente são, potencialmente, espaços/tempo nos ajudam a construir parâmetros de reprodução ampliada da vida.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **El Buen Vivir. SumakKawsa** . Barcelona: Icaria, 2013.

CIAVATTA, Maria. O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações. In FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. **Teoria e educação no labirinto do capital**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001, p.121-144

COSTA, Dora Henrique. Linha de dignidade. A construção de um novo indicador. In: **Movimento**: revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, n. 1 (maio 2000). Niterói: Intertexto, p. 149-179.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HELLER, Ágnes. **Teorías de las necesidades em Marx**. Barcelona: Península, 1986

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995



MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: cicilização Brasileira, 1998. Livro 3

MAX-NEEF, M. Desarrollo a escala humana. Montevideo: Nordan/REDES, 1998.

MÉSZÁROS, István. **Para além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2006.

NOVAES, Henrique; MAZIN, Angelo D.; SANTOS, Laís. **Questão agrária, cooperação e agroecologia**. São Paulo: Outras Expressões, 2015

SMITH, Adams. **A riqueza das nações**. Investigação sobre sua natureza e suas causas São Paulo: Nova Cultural, 1985. Volume 1

TARDIN, José Maria. Culturacamponesa. In CALDART, Roseli Salete *et al* (orgs). **Dicionário de Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012, pp. 178-190.

THOMPSON, E.P. **Miséria da teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 181-201.

TIRIBA, Lia. **Economia popular e cultura do trabalho**. Ijuí:UNIJUI, 2001

TIRIBA, Lia; FISCHER, Maria Clara B. Espaços/tempos milenares dos povos e comunidades tradicionais: notas de pesquisa sobre economia, cultura e produção de saberes. **Revista Educação Pública**, v. 24, n.56, p. 405-428, maio/ago 2015.

TIRIBA, Lia. Processo de trabalho e processo educativos: notas sobre o 'período de ouro' da educação de adultos em Portugal. In CANÁRIO, Rui e RUMMERT, Sonia. **Mundos do trabalho e aprendizagem**. Lisboa: Educa, 2009, p. 155-171.

TONET, Ivo. Trabalho associado e extinção do Estado. In: **Rebela**, v. 3, n. 2, 2014. Disponível em <http://ivotonet.xp3.biz/>.